

# Os processos no romance histórico

Com o lançamento de *O Gato e a Revolução*, em 1967, Alcy Cheuiche começou a traçar sua história na literatura do Rio Grande do Sul. A novela foi censurada e o autor processado. Apesar das dificuldades, isso não o desanimou. “Eu abandonei meu doutorado na Alemanha para ser escritor. Então, pensei: vou escrever outro livro. Preciso de um tema que eles não possam censurar”, diz.

Na época, ele já estava em São Paulo, trabalhando na divisão veterinária de uma empresa. Instalado no edifício Copan, Cheuiche frequentava a biblioteca pública da cidade para as pesquisas históricas, uma vez que a localização era próxima. Então, ele mergulhou na história das missões jesuíticas do Rio Grande do Sul e na figura de Sepé Tiarajú. “Eu já conhecia a história, claro. Inclusive o próprio Erico Veríssimo, no *Tempo e o Vento*, tem um capítulo dedicado a esse universo”, diz. Entre a pesquisa e a escrita, cinco anos se passaram, e o livro saiu em 1975, sendo um grande sucesso. Desde então, a obra já ganhou várias novas edições, sendo traduzido para diversas línguas, como o espanhol e o alemão, além de ganhar também uma versão em quadrinho.

Cheuiche também revisitou a trajetória de Bento Gonçalves, personagem central em sua

obra *A Guerra dos Farrapos*. Ele narra um episódio decisivo para a construção do personagem: a fuga da prisão no Rio de Janeiro. Bento teria conseguido escapar da Fortaleza da Laje, mas decidiu voltar ao cativeiro ao perceber que o companheiro Pedro Boticário não conseguira atravessar um túnel. “Essa volta dele me definiu que ele não era somente o líder de uma revolução. Ele não era um herói. Isso é mais do que herói, isso é ser um ser humano”, comenta.

Para o autor, esse olhar sobre a humanidade dos personagens é o que dá sentido ao romance histórico. “Não vou contar só as façanhas militares. Vou contar a vida. Bento Gonçalves foi leal com os amigos, teve uma vida matrimonial maravilhosa. Era um ser humano extraordinário”, afirma.

Cheuiche garante que sua escrita busca apresentar os fatos de modo a prender a atenção do leitor. “Para ajudar a contar a Revolução Farroupilha em si, posso contar a vida de Bento, que foi quem fez a guerra. O que eu quero é que o leitor pegue o meu livro e vá até o fim. O meu livro é escrito para o leitor”, conclui.

Ao falar sobre o tempo dedicado às pesquisas para escrever um romance histórico, Alcy Cheuiche explica que sua metodologia mudou ao longo dos

anos. “Antes eu tinha que fazer toda a pesquisa para depois começar. Hoje eu vou pesquisando e escrevendo. Se lá adiante surgir uma coisa nova e o livro ainda não foi publicado, eu posso mexer”, afirma.

Segundo ele, a produção de uma obra costuma variar, mas o mínimo é de um ano. “Menos do que isso, entre pesquisa e redação de um romance histórico, é difícil. Também ganhei experiência, tenho muito mais facilidade do que antes. Tenho quase cinquenta livros publicados. É pela qualidade da pesquisa e pelo tempo que leva que eu não tenho 80 ou 100 livros. Mas é a qualidade e a relevância que importa”, acredita. Escrever, para Cheuiche, vai além da obrigação profissional: é um ato que o transforma. “Eu sou feliz escrevendo. Quando eu começo a ficar enjoado, minha mulher me manda escrever. Escrever me faz ficar muito melhor, de temperamento e tudo.”

Cheuiche também leciona e organiza oficinas literárias desde o começo dos anos 2000. “Você está sempre aprendendo. O bom professor aprende junto com o aluno e não concorre com o aluno”, diz. Ele contabiliza 116 livros publicados por seus alunos, entre coletivos e individuais. Mais do que colegas, ele os define de outra maneira: “São a minha família literária.”

## Obras destacadas

► **O gato e a revolução** 2ª Edição (AGE)

► **Sepé Tiarajú – Romance dos Sete Povos das Missões** 5ª Edição no Brasil (AGE) / 2ª Edição no Uruguai (Banda Oriental) / 1ª Edição na Alemanha (Ed. Evangélica Luterana)

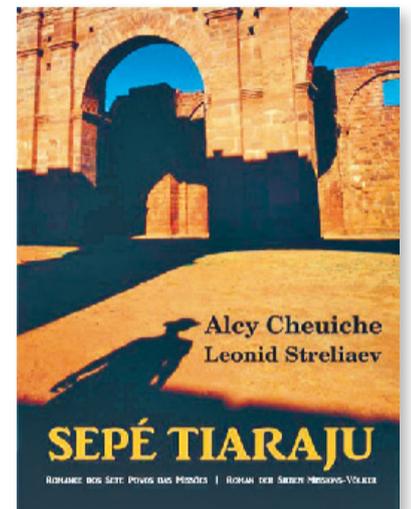
► **O mestiço de São Borja** 5ª Edição (Ed. Sulina)

► **A Guerra dos Farrapos** 4ª Edição (Prêmio Literário “Ilha de Laytano”) – Mercado Aberto

► **Ana sem terra** 8ª Edição no Brasil (Sulina) – 1ª Edição na Alemanha (Ed. Evangélica Luterana)

► **Lord Baccarat** 3ª Edição (AGE)

► **A mulher do espelho** 1ª Edição (Coedição Sulina/AGE)



► **Nos céus de Paris – Romance da vida de Santos Dumont** 1ª Edição Prêmios “RBS” e “Laçador” / 2ª Edição Pocket (Editora L&PM)

► **Jabal Lubnan, as aventuras de um mascate libanês** 1ª Edição – Sulina 2003

► **Sepé Tiarajú – Revista em quadrinhos** 3ª Edição – PontoCom – 2006

# Histórias da Feira do Livro de Porto Alegre

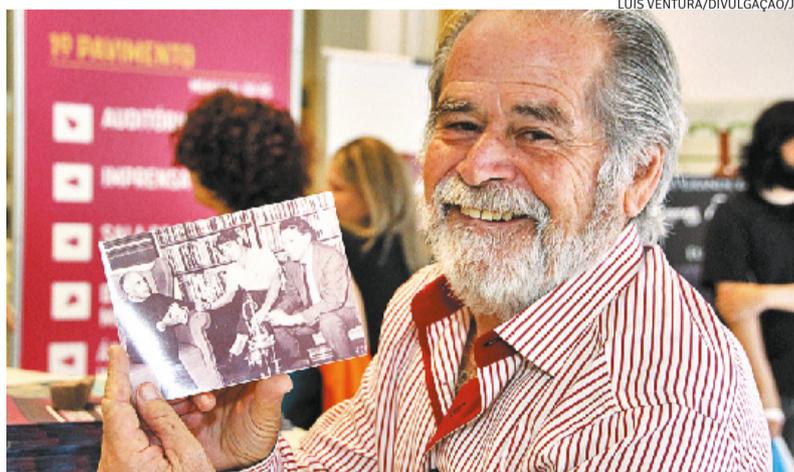
Para Alcy Cheuiche, a Feira do Livro de Porto Alegre representa muito mais do que um evento literário. “É uma experiência maravilhosa”. Ele foi patrono em 2006, em uma época em que o cargo era escolhido por um processo que envolvia livreiros, editores, ex-patronos e diversas entidades culturais e educacionais.

Cheuiche lembra que chegou a ser indicado cinco vezes antes de conquistar o título de patrono, quando os concorrentes ainda eram chamados de ‘patronáveis’ e acompanhados de perto pela imprensa. “Eu fui candidato junto com jornalistas como o Galvani e o Ruy Carlos Ostermann”, cita. A eleição, quando finalmente vencida, trouxe episódios marcantes. Logo no primeiro dia como patrono, um homem de Viamão se aproximou e lhe entregou um pacote. Dentro havia uma entrevista concedida por Cheuiche a um

jornal, emoldurada como presente. “Ele mandou fazer e me deu o quadro. Foi muito emocionante.”

O patronato também o colocou em contato com centenas de leitores e jornalistas. “Eu parei de contar nas 150 entrevistas. Eram rádios, jornais do interior, da capital e de fora do Rio Grande do Sul. Telefone tocando o tempo todo”, diz. Ainda assim, não esquece momentos singelos, como a visita ao espaço infantil da feira. Uma professora apresentou-o como patrono, e uma criança, desconfiada, perguntou: “O que é patrono?”. Após a tentativa de explicação da professora, Cheuiche interveio: “Olha para essa quantidade enorme de livros que tem aí. Tem que ter gente que escreve. O patrono é escolhido para representar todos eles”, lembra.

Entre as memórias de Alcy Cheuiche como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, uma em



Alcy Cheuiche segura foto dele jovem, ao lado do escritor Erico Verissimo; à direita, a Medalha da Ordem do Mérito da Defesa

especial veio de fora do País. Seu editor alemão na época – que já havia morado no Brasil e falava português – viajou especialmente para acompanhar a homenagem oficial ao escritor na feira de 2006.

Durante o discurso, Cheuiche lembrou de quando esteve na Alemanha, em 1994, para lançar o

livro *O Ano sem Terra* em edição alemã, e afirmou ter conhecido seu editor na “maior feira do mundo”, a Feira de Frankfurt. Ao tomar a palavra, porém, o alemão fez questão de corrigir o amigo. “Ele disse que gosta muito de mim, tanto que veio especialmente por eu ser o patrono. Mas completou dizendo que eu ha-



via dito uma inverdade”.

Segundo o editor, Frankfurt pode até ser a maior em número de editoras e de livros, mas a feira mais importante do mundo sob o ponto de vista cultural é a de Porto Alegre. O argumento tinha um motivo central: o caráter democrático e gratuito do evento.